

*A referência matriz
em A noite de
Natal, de Sophia
de Mello Breyner
Andresen*

Cristiano Camilo Lopes

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: cristiano.lopes@mackenzie.br

RESUMO

Neste artigo busca-se analisar o conto *A noite de Natal*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). Sophia nasceu na cidade do Porto e foi uma das grandes vozes da poesia portuguesa do século XX. Por meio da análise literária busca-se verificar de que maneira a autora se utiliza da história bíblica do nascimento de Jesus como matéria criativa para sua arte, e faz do texto bíblico uma “referência matriz” para seus contos maravilhosos. O uso da narrativa bíblica em *A noite de Natal* aponta para o efeito causado pelo cruzamento de narrativas: a história da protagonista se insere na narrativa bíblica. Destaca-se também o estilo da autora com sua destreza no emprego da linguagem em renomear situações vividas pelas personagens, com as quais o leitor pode compartilhar experiências.

PALAVRAS-CHAVE

Sophia de Mello Breyner Andresen. *A noite de Natal*. Narrativa bíblica.

INTRODUÇÃO: UMA HOMENAGEM À OBRA DE SOPHIA

Nascida na cidade do Porto, Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das grandes vozes da poesia portuguesa do século XX. Sua obra compreende poesia, contos, contos infantis, ensaios, teatro e traduções, passando de 50 títulos.

Como reconhecimento pela qualidade estética de sua obra, a autora recebeu diversos prêmios que atestam a singularidade de sua produção, entre eles:

- 1964 – Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, atribuído a *Livro sexto*;
- 1983 – Prémio da Crítica, do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, pelo conjunto da sua obra;

- 1992 – Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças;
- 1995 – Homenagem da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa, pelo cinquentenário da publicação do primeiro livro *Poesia*;
- 1995 – Placa de Honra do Prémio Francesco Petrarca, Pádua, Itália;
- 1996 – Homenageada do *Carrefour des Littératures*, na IV Primavera Portuguesa de Bordéus e da Aquitânia;
- 1998 – Prémio da Fundação Luís Miguel Nava;
- 1999 – Prémio Camões;
- 2000 – Prémio Rosalia de Castro, do Pen Clube Galego;
- 2001 – Prémio Max Jacob Étrange;
- 2003 – Prémio Rainha Sophia de Poesia Ibero-americana.

Toda essa premiação é um reconhecimento da singularidade da obra de Sophia tanto na aderência temática quanto no trato fino com a linguagem.

No trato com a linguagem, a obra de Sophia articula sempre um *lógos* a um *poiema* de maneira que sua obra apresente uma amálgama perfeita entre razão/lógica e lirismo/fantasia. Por meio desses dois eixos, Sophia propõe um itinerário temático que, na singularidade de sua escrita, projeta uma abordagem universal.

Assim, temas como viagem, alteridade, descobrimento, descoberta, revelação, entre outros, são índices que guiam o leitor de maneira que, na jornada pela leitura do texto literário, ocorre um encontro da narrativa do leitor com a história das personagens do universo ficcional, ou seja, a leitura passa a ser uma viagem em que o texto ficcional invade o texto-vida do leitor.

A força que move o texto literário para o leitor, na obra de Sophia, é a nomeação do real por meio da linguagem mítica. Nesse sentido, a linguagem poética empregada por Sophia carrega o real para o universo ficcional para, então, re-nomeá-lo. Com isso, tem-se uma recriação do real por meio do fazer literário. Destaca-se que, nessa jornada, Sophia vai da imanência para a transcendência sem pender para um dos lados de forma injusta. Vale destacar que na obra de Sophia a *Bíblia Sagrada* é uma “referência matriz” (MATOS, 1993, p. 12).

Feitas essas considerações, objetiva-se investigar, por meio da análise literária, de que maneira esses aspectos característicos da obra de Sophia se fazem presentes no conto *A noite de Natal*.

A REFERÊNCIA MATRIZ EM A NOITE DE NATAL

Em *A noite de Natal* (1959-1996), desenvolve-se um jogo de linguagens que se relacionam na abordagem do sagrado. Trata-se da interação dos índices e sím-

bolos da linguagem verbal com os índices da linguagem visual que produzem pistas para a revelação do sagrado.

Quando se fala em revelação do sagrado, entende-se que o termo revelação significa “tirar o véu” para o entendimento de algo que está por trás do evento narrado. No caso de *A noite de Natal*, temos a revelação de Cristo como um amigo que vem dar sentido a um cotidiano marcado pela ausência de transcendência.

A narrativa inicia-se com “era uma vez [...]”, o que remete à forma de um conto de fadas. O encadeamento das ações da narrativa apresenta os símbolos de forma crescente e cíclica. De início, são apresentados o jardim, a casa amarela e o título do capítulo (“O amigo”), que armam o cenário para o desenrolar da história.

Joana é apresentada pelo narrador como uma menina que “[...] não tinha irmãos e brincava sozinha [...] só sabia estar sozinha. Mas um dia encontrou um amigo” (ANDRESEN, 1996, p. 7 ss). Trata-se de uma protagonista marcada pela ausência, tanto por viver sozinha como por não ter relacionamentos duradouros com amigos.

Desde o momento em que ela encontrou Manuel, sua vida passou a ser festa. Os títulos dos primeiros capítulos do conto sugerem essa ideia. Assim, o primeiro capítulo é denominado “O amigo”, o segundo, “A festa” e o terceiro, “A estrela”. Esse é itinerário trilhado pela personagem Joana: primeiro ela conhece um “amigo maravilhoso”. Passados muitos dias chegou o Natal e Joana “pôs o seu vestido de veludo azul, os seus sapatos de verniz preto e muito bem penteada, às sete e meia saiu do quarto e desceu a escada” (ANDRESEN, 1996, p. 13). E, por fim, Joana deixa sua residência seguindo a estrela que a conduz ao presépio onde está seu amigo.

Note-se que Joana estava em cima do muro quando viu Manuel do lado de fora de sua casa: “Joana estava encarrapitada no muro. E passou pela rua um garoto [...] e do alto do muro chamou-o: – Bom dia! [...]” (ANDRESEN, 1996, p. 8). O muro funciona como limite e delimitação do espaço, entretanto a protagonista convida o amigo para estar do lado de dentro e, assim, quando ele adentra o jardim da casa de Joana, os dois passam a explorar o jardim e descansam: “e sentaram-se sob a sombra redonda do cedro” (ANDRESEN, 1996, p. 10). Instaura-se, portanto, o início de uma espécie de jornada na vida de Joana que será conduzida pelo novo amigo.

Em certo sentido, o “muro” (Figura 2) não só representa o elemento vedado e transgredido, como também remete ao limite que há em relação ao conhecimento histórico acerca do nascimento de Cristo, desvinculado de uma reflexão/experiência sobre esse conhecimento.

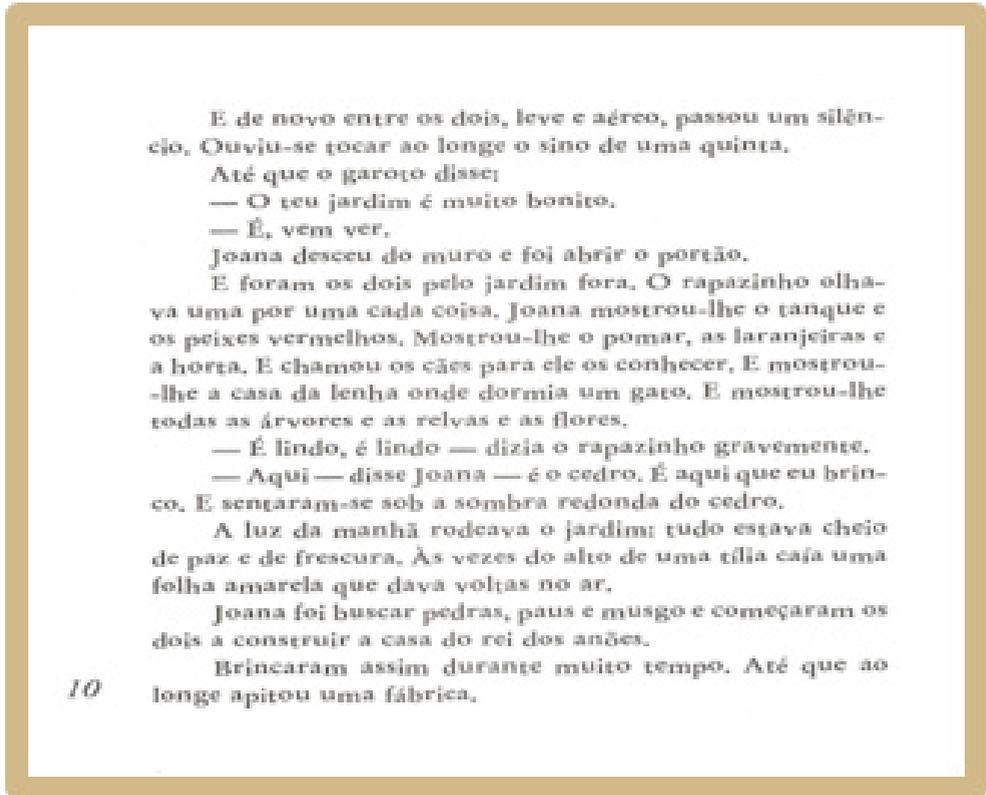


Figura 1 – Ilustração da obra *A noite de Natal*

Na história, o muro também indica a proteção, pois Manuel brinca com Joana no jardim localizado no interior. É interessante observar que o jardim reage à presença de Manuel, e quem faz essa indicação é o texto não verbal, pois as letras se alteram (ficam trêmulas) todas as vezes que algo sobrenatural parece acontecer (conforme Figura 1). Essa comunicação pela linguagem visual sugere que a linguagem verbal só não consegue definir a transcendência desse amigo maravilhoso. Assim, a palavra trêmula passa a ser a imagem, ou seja, a grafia da linguagem verbal de modo extático aponta para a aura sagrada de Manuel.



Figura 2 – Ilustração da obra *A noite de Natal*

Além disso, o cedro (que geralmente simboliza a força e tem sido usado nas representações de Jesus na cruz) mencionado no texto forma uma sombra protetora para os amigos. No espaço, jardim e cedro configuram uma parte da narrativa que interage com as personagens Joana e Manuel. Nessa relação espaço-personagem tem-se a confirmação dos elementos do espaço na presença das personagens: “E sentaram-se sob a sombra redonda do cedro. A luz da manhã rodeava o jardim: tudo estava cheio de paz e de frescura. Às vezes do alto de uma tília caía uma folha amarela que dava voltas no ar” (ANDRESEN, 1996, p. 10).

Assim, a partir desse dia, Joana “abria-lhe a porta e iam os dois sentar-se sob a sombra redonda do cedro. E foi assim que Joana encontrou um amigo. Era um amigo maravilhoso [...]”. Um amigo maravilhoso que tem um “[...] pai que está no céu” (ANDRESEN, 1996, p. 11-12).

No enredo, chega o momento em que há a necessidade de Joana ir ao encontro de Manuel, pois até então ele vinha todos os dias ao jardim para encontrá-la. É nesse momento, na noite de Natal, que começa a busca de Joana por Manuel. A menina, orientada por uma estrela, percorre a floresta à procura do amigo.

A estrela assume a função de condução de Joana até o presépio de Jesus. Como na narrativa bíblica (registrada em Mateus 2.9-12), *A noite de Natal* apresenta a ida dos magos ao lugar do nascimento de Jesus por meio da direção que a estrela lhes fornecia:

⁹ Depois de ouvirem o rei, os magos partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente ia adiante deles, até que, chegando, parou sobre onde o menino estava. ¹⁰ E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. ¹¹ Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. ¹² E, tendo sido avisados por Deus em sonho para não voltarem à presença de Herodes, os magos seguiram por outro caminho para a sua terra (BÍBLIA SAGRADA, 2016).

Com a direção da estrela, Joana tem sua história inserida na história bíblica. Sua vida, no texto ficcional, foi apresentada como sendo marcada pela ausência, mas com a chegada de Manuel houve a festa e instaurou-se uma jornada em busca do Natal. Trata-se de um novo nascimento marcado pelo nascimento do menino no presépio:

[...] chegaram ao lugar onde a estrela tinha parado e Joana viu um casebre sem porta. Mas não viu escuridão, nem sombra, nem tristeza. Pois o casebre estava cheio de claridade, porque o brilho dos anjos o iluminava. E Joana viu o seu amigo Manuel. Estava deitado nas palhas entre a vaca e o burro e dormia sorrindo (ANDRESEN, 1996, p. 32).

O momento em que ocorre o cruzamento da história da personagem com a história bíblica é assim apresentado:

– Boa noite – disse Joana. – Boa noite – disse o rei. – Como te chamas?
 – Eu, Joana – disse ela. – Eu chamo-me Melchior – disse o rei. E perguntou: – Onde vais sozinha a esta hora da noite? – Vou com a estrela – disse ela. – Também eu – disse o rei –, também eu vou com a estrela. E juntos seguiram através do pinhal (ANDRESEN, 1996, p. 30 ss).

Pode-se relacionar essa direção da estrela com a narrativa bíblica de João Batista, que foi um profeta enviado por Deus para “abrir” o caminho para o advento de Cristo. Nesse sentido, os evangelistas Marcos (1.3) e Lucas (1:16,17) apresentam João Batista, respectivamente: “Preparai o caminho do Senhor, tornai retas as suas veredas”, “E conduzirá muitos dos filhos de Israel à conversão

ao Senhor, seu Deus [...]”. Assim, no conto em questão a estrela também funciona como um anúncio da criação sobre o nascimento do menino redentor.

Com relação ao emprego de uma linguagem simbólica, podem-se apresentar os seguintes elementos da narrativa que são carregados de significação. Então, tentando decodificar os símbolos da trama narrativa, tem-se:

Quadro 1 – Os símbolos em *A noite de Natal*

Símbolo	Significado
Joana	João (discípulo/amigo de Jesus)
Manuel	Cristo (E)Manuel – “Deus conosco”
Casa amarela	Realeza, eternidade, divindade
Jardim	Centro, paraíso divino
Muro	Defesa, limite, abertura superior para o olhar por cima
Cedro	Resistência e força
Estrela	Orientação, ideal, direção

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em meio a essa procura, ocorre o entrecruzamento do tempo/espaço da história bíblica com a história de Joana. Surgem os Reis Magos, que também são guiados pela mesma estrela que ajudava Joana, e a menina se une a eles rumo ao encontro de Manuel: “[...] – Vou com a estrela – disse ela. – Também eu – disse o rei –, também eu vou com a estrela. E juntos seguiram através do pinhal [...]” (ANDRESEN, 1996, p. 31). E assim Joana encontra o amigo:

[...] Joana viu um casebre sem porta. Mas não viu escuridão, nem sombra, nem tristeza. Pois o casebre estava cheio de claridade, porque o brilho dos anjos o iluminava. E Joana viu o seu amigo Manuel. Estava deitado nas palhas entre a vaca e o burro e dormia sorrindo. Em sua roda, ajoelhados no ar, estavam os anjos [...] – Ah – disse Joana –, aqui é como no presépio! [...] Então Joana ajoelhou-se e poisou no chão os seus presentes (ANDRESEN, 1996, p. 32 ss).

A revelação do sagrado se dá pela interação entre texto verbal e não verbal: quando Joana vê o menino e reconhece a semelhança com o presépio, as letras voltam a ficar trêmulas (Figura 3). A última página do livro conduz à imagem da capa, na qual já se revela o final da história. Em outras palavras, as pistas já

nos são dadas ao longo da história; mas só no final podemos notar esse encadeamento cíclico: o final já aparece no início (Figura 4). Assim, “tais indicações podem [...] introduzir o leitor” na compreensão da história, uma vez que a primeira e a quarta capas “podem se relacionar formando uma única imagem, separada pela lombada em dois espaços distintos [...]” (LINDEN, 2011, p. 57).

E com as mãos postas os anjos rezavam ajoelhados no ar. Era assim, à luz dos anjos, o Natal de Manuel.
 — Ah — disse Joana —, aqui é como no presépio!
 — Sim — disse o rei Baltasar —, aqui é como no presépio.
 Então Joana ajoelhou-se e poisou no chão os seus presentes.

Figura 3 – Ilustração da obra *A noite de Natal*

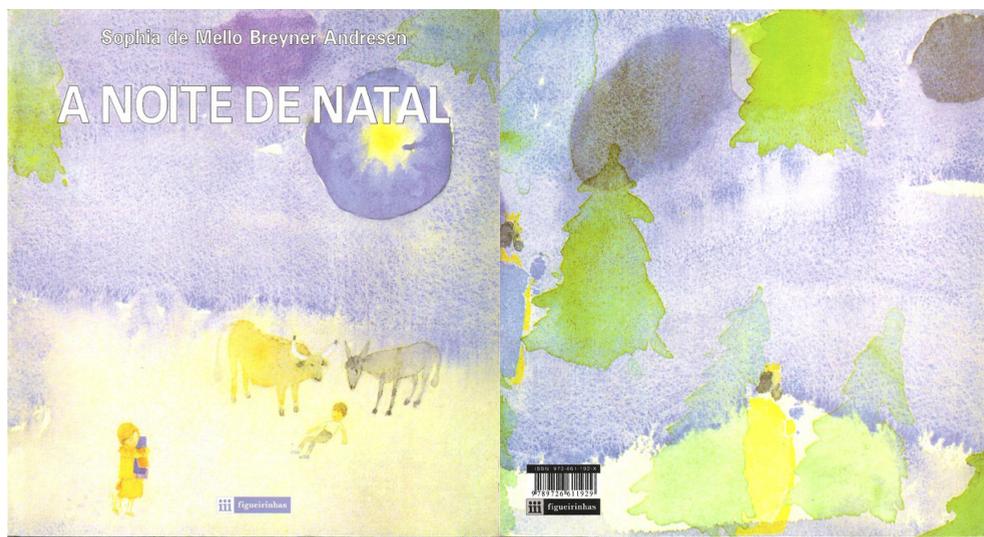


Figura 4 – Ilustração da obra *A noite de Natal*

Pela revelação do sagrado por meio da referência matriz, podemos notar a necessidade que o homem contemporâneo tem de ressignificar o que a tradição estabeleceu como sagrado. É nessa ressignificação que se percebe a importância da narrativa bíblica, uma vez que ela chama a atenção para o relacionamento entre Deus e o homem como algo essencial para a vida.

De certa forma, o conto *A noite de Natal* sinaliza o interior do homem como necessitando desse relacionamento na medida em que a personagem é apresentada como um ser em busca de um “amigo maravilhoso” que está no presépio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das considerações feitas neste ensaio, pôde-se verificar que esta obra de Sophia de Mello Breyner Andresen busca na narrativa bíblica a referência para a criação ficcional.

Ao conduzir a personagem Joana até o presépio a fim de encontrar o menino Jesus, a narrativa chama a atenção para o anseio do interior da personagem por um relacionamento com o divino. E à medida que seguem as ações da personagem, ela vai resolvendo essa busca interior a partir dos índices exteriores: o amigo Manuel, a festa de Natal e a estrela.

Pôde-se considerar também que a obra *A noite de Natal* sugere uma espécie de reatualização do evento bíblico do nascimento de Jesus com o intuito de mostrar a atualidade da história bíblica também para o homem contemporâneo.

Sugere-se, ainda, a continuidade dessa investigação avaliando a presunção (ou não) da história bíblica como referência matriz em outras obras da autora destinadas às crianças.

Matrix reference in *A noite de Natal*, by Sophia de Mello Breyner Andresen

ABSTRACT

In this article we analyze the short story A noite de Natal, by Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). Sophia was born in the city of Porto and was one of the great voices of 20th century Portuguese poetry. Through literary analysis we seek to verify how the author uses the biblical story of the birth of Jesus as a creative material for her art, and makes the biblical text a “matrix reference” for her wonderful tales. The use of the biblical narrative in A noite de Natal points to the effect caused by the intersection of narratives: the protagonist’s story fits into the biblical narrative. Also noteworthy is the author’s style with her ability to use language to rename situations experienced by the characters, with which the reader can share experiences.

KEYWORDS

Sophia de Mello Breyner Andresen. A noite de Natal. Biblical narrative.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, S. de M. B. *A noite de Natal*. Porto: Figueirinhas, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

LINDEN, S. V. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MATOS, M. L. S. *Os itinerários do maravilhoso: uma leitura dos contos para crianças de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Porto: Porto Editora, 1993.

Recebido em: 10 de setembro de 2018 **Aprovado em:** 30 de janeiro de 2019